

Este conto faz parte do livro *Persona ou O Corretor de Imóveis*

PERDA DA FÉ

*A vida não tem sentido.
Nem em Minas nem no Inferno.
Mas nas Gerais as montanhas
quase chegam a enganar.*

Júlio Ambrózio

Dagoberto Estêvão era engenheiro e crente fervoroso. Cumpria os mandamentos da lei de Deus, da Igreja e de outros regulamentos menores da Venerável Ordem Terceira de São Francisco de Assis. Passou a vida inteira construindo casas, pontes, instalações industriais, cinemas e tudo quanto há para ser edificado numa cidade que não olhava para trás, crescia a passos largos. Adquiriu fama de bom profissional e eis que, após trinta e tantos anos de serviço, surgiu a maior oportunidade de sua brilhante carreira: construir uma igreja. É que, após muita peleja, o padre vigário conseguira derrubar um belíssimo templo do Século XVIII e recorreu ao Dr. Dagoberto para construir uma igreja nova, moderna, de acordo com os novos rumos. O engenheiro viu naquela tarefa o fecho de ouro de sua atividade de grande arquiteto. Fez um projeto, inspirado na linha reta, talvez influenciado pelo cubismo de Braque e Lhote, imediatamente aprovado pelo reverendo, que, pressionado pelos fiéis, tinha pressa de ver a obra pronta.

A igreja está de pé, segura como nunca, plantada no concreto armado superdimensionado para durar *per omnia saecula saeculorum*. Nem uma trinquinha, laje maciça, basculantes de ferro com vidros coloridos, muitas vigas enormes e pilares descomunais, porém feia até onde não poderia ser. Horrível! Se Braque e Lhote inspiraram, certamente não aprovariam tamanha feiúra.

Cinco anos após a construção, Dagoberto começou a sentir a perda da fé. Primeiro, foram coisas leves, desencantou-se com os anjos, quando o seu, o da Guarda, não zelou pela sua cabeça, ao despencar um tijolo de obra; depois começou a

duvidar de alguns santos e de algumas santas; e finalmente, com desprezo pelas cinco vias de chegar a Deus, propostas por Santo Tomás de Aquino, desentendeu-se com o próprio Padre Eterno. Apesar de sua descrença continuava a ir à missa dominical e durante a cerimônia indagava para si mesmo:

— Por que será que um anjinho daqueles não me faz um sinal? Por que Santa Margarida não me pisca o olho? Por que o Bom Jesus não me faz um aceno? Gente muito pior do que eu tem visto Nossa Senhora, conversam com ela e eu não vejo nada! Eu voltaria a ter fé, acreditaria em tudo, entraria para um convento e passaria o resto de minha vida rezando...

Foi o que aconteceu num domingo. Dagoberto foi à igreja bem antes da missa; de joelhos olhava fixamente para o Bom Jesus com as mesmas indagações e viu sua mão direita desprender-se da cruz e, apontando-lhe o dedo indicador, gotejando sangue, ainda falou a meia voz, porém firme:

— Meu filho, veja o que você me fez. Eu estava aqui na minha igreja, tão bonita, construída pelo esforço de homens rudes e escravos fortes, todos eles de muita fé. Séculos depois, apareceu um padre desatinado, coitado, e derrubou a minha morada. Por isso ele penará cem mil séculos no purgatório, e por força do convênio que mantenho com Satanás, que me ajuda naquele sítio de purgações, já dei ordem para que o clérigo sofra bastante. Como sei que ele gosta de modernidades, vou colocá-lo num micro-ondas gigante que encomendei para substituir os tradicionais tachos de água fervendo. Eu também acompanho os novos tempos. Não lhe diga nada, ele anda muito senhor de si e ainda tem falado que se o tempo voltasse ele faria tudo de novo. Vou mostrar-lhe quanto custa a falta de arrependimento, ele vai ter uma escaldante surpresa. Depois, veio você, meu filho, e construiu este monstrego. Você se lembra onde era o meu altar barroco, emoldurado pelo arco cruzeiro, repleto de sinistras e dramáticas sombras? Havia quartelões, volutas, rococós, frontão, capitéis, ilhargas e ornatos entalhados, onde o claro e o escuro se misturavam em perfeita harmonia. E agora, veja, onde você me colocou! Tenho sofrido muito no meio destes holofotes. Quando morrer, você me verá face a face, mas vou tomar-lhe o diploma e

a régua, não me venha querer construir aqui no meu reino que é belo e está muito bem preservado. O seu castigo será em vida, perderá a fé, morrerá como um ateu desses que andam por aí.

Dagoberto acordou ensopado, foi um sonho assustador. Ele só não sabe se foi verdade ou ilusão, pois que a incerteza faz parte da dúvida. À fé ele a perdeu de vez. Talvez fosse o sinal que ele queria, pois garantido pelo Padre Eterno, vive agora como um devasso. Sonho impressionante, aquele!